

***ENTREVISTA COM JULIA GARCIA. MEMÓRIAS DA REPRESSÃO
TRANSCRIÇÃO FINAL DA ENTREVISTA COM JULIA GARCIA REALIZADA POR
ISMARA IZEPE DE SOUZA E RODRIGO RODRIGUES. SANTOS, 17 DE JANEIRO
DE 2001***

ABSTRACT

Entrevistar. Julia Garcia, que gentilmente nos recebeu na casa do seu amigo Sr. Aníbal, se apresentou como uma feliz e rara oportunidade de conhecermos um pouco mais sobre os temas de nossas pesquisas históricas que estão relacionadas com repressão política nos anos 30. Julia teve uma trajetória de vida repleta de fatos inusitados que aos olhos de muitos poderia ser digna de roteiro de filme.

Neste encontro, Julia relembrou momentos importantes de sua vida tais como a expulsão do país em 1937 e sua permanência na Espanha assolada pela guerra civil. A vida familiar na cidade de Santos, a experiência na prisão, onde ficou por mais de um ano aguardando a expulsão, e a trajetória de vida de seu irmão Victor Garcia (importante ativista político expulso do Brasil em 1934) são assuntos abordados nesta entrevista.

Ismara: A senhora se lembra da sua infância na Espanha?

Julia: A minha infância na Espanha eu não me lembro. Quando nós viemos do Brasil, meu pai veio como imigrante pagando sua passagem e tudo mais. Mas minha mãe, ela tinha toda a família aqui que fez pressão pra vir, essa foi a razão

Rodrigo: Vieram você, o Víctor, mais duas irmãs, seu pai e sua mãe? O que faziam seu pai e sua mãe?

Julia: Vieram nós e mais duas irmãs. Meu pai trabalhava com o meu tio no que era chamado oficina de estucadores. Antigamente, usava muitas colunas, enfeites, balaustrada,

capitéis. Quando você for na subida para Montserrat, toda aquela balastrada , tudo foi feita na oficina deles. Eles que faziam, chamavam estucadores.

Rodrigo: Ele fazia isso aqui em Santos? Mas e na Espanha?

Julia: Na Espanha ele trabalhava nas vinhas, nas Astúrias.

Rodrigo: A família da sua mãe inteira morava aqui em Santos mesmo?

Julia: Morava. Ela tinha mais dois irmãos, um tinha sítio no Guarujá e o outro era empreiteiro de obras, construtor de obras. Já não vive mais nenhum

Rodrigo: Me diz uma coisa, alguns desses irmãos da sua mãe tinham militância política?

Julia: Nenhum. Só o Víctor

Ismara: E porque sua família decidiu vir para o Brasil? Teria a ver com as condições econômicas da Espanha?

Julia: As condições econômicas não eram diferentes. Eu acho que até eram melhores na Espanha do que no Brasil

Ismara: Em que ano a senhora chegou ao Brasil?

Julia: 1924, eu tinha 11 anos.

Ismara: Nós gostaríamos de saber um pouco mais sobre a vida do seu irmão, o Víctor Garcia. Constam nos prontuários policiais que ele exerceu uma atividade política bastante intensa. Quais eram as atividades políticas praticadas por ele, ele se envolveu em algum sindicato?

Julia: Sim, se envolvia em sindicatos, em greves, mesmo *non* sendo do ramo dele. Organizava....

Rodrigo: Onde o Víctor Garcia trabalhava?

Julia: No começo ele trabalhou em construção. Aí ele acabou tornando guarda-livros. Trabalhava de guarda livros

Rodrigo: O Víctor Garcia ainda era criança quando veio pra cá?

Julia: Não, ele tinha dezesseis anos

Ismara: Então a militância política dele começou aqui?

Julia: Começou aqui. Com dois anos depois de ele estar aqui

Rodrigo: E como foi? Ele se encontrou com militantes espanhóis?

Julia: Não. Acho que nem sei se eram espanhóis ou brasileiros e tal. *Se* que os amigos dele eram um pouco mais brasileiros

Rodrigo: Certo. E quem eram as pessoas do círculo de amizades dele dentro do Partido? Quem eram as pessoas que você conhecia que andavam sempre com o Vítor?

Julia: Olha, eu conhecia um tal de Odilon Lima que era carioca. Eu não sei mais da vida dele. Conhecia um, aquele que morreu, quando ele foi ferido

Rodrigo: O Herculano?

Julia: O Herculano

Rodrigo: Você conhecia o Herculano de Souza? Ou conhecia de nome?

Julia: Conhecia, morávamos até na mesma rua

Rodrigo: E esse comício que teve em Santos foi organizado pelo Partido Comunista, não é isso?

Julia: É foi.

Rodrigo: Você estava presente?

Julia: Não, não, não

Rodrigo: O Vítor estava e foi ferido?

Julia: É, o Vítor e o Herculano estavam. O Vítor estava falando, estava discursando quando foi ferido. E o Herculano viu que o policial ia dar um outro tiro nele e deu com uma barra de ferro e tal no policial, mas outro policial atirou nele.

Rodrigo: Atirou no Herculano?

Julia: No Herculano. Morreu na hora.

Rodrigo: Mas quem estava discursando era o Vítor?

Julia: Era o Vítor. Ele salvou o Vítor de morrer mas morreu

Ismara: Isso foi em?

Rodrigo: 1931. Desculpa eu não entendi. Ele salvou o Vítor ?

Julia: Foi o segundo tiro

Rodrigo: O Herculano é que deu com a barra, é isso?

Julia: É, o Herculano é que deu com a barra no braço do policial

Rodrigo: Ah, então o policial mirava o Vítor, é isso?

Julia: O policial disparou no Vítor e o Herculano, ou seja, quando o policial foi dar o segundo tiro, bateu com a barra. Mas o outro policial matou o Herculano.

Rodrigo: O Herculano tinha família aqui em Santos?

Julia: Tinha, deixou a viúva. Agora eu não sei dizer se tinha crianças, mas acho que tinha.

Rodrigo: Você teve alguma participação no Socorro Vermelho Internacional

Julia: Não, nada oficial

Rodrigo: Mas o Socorro Vermelho Internacional prestava ajuda?

Julia: É, prestava ajuda. Nós sempre fazia. Nós éramos voluntária, *no* pertencíamos a nada. A mãe do Aníbal, eu e outras amigas fazíamos isso de levar mantimento, dinheiro, tal pra família dos que estavam presos

Rodrigo: Você lembra de algumas pessoas que você ajudou? Era sempre aqui em Santos?

Julia: Era sempre, sempre aqui em Santos. Eu lembro que eu levava, mas nem o nome delas eu também não sabia

Rodrigo: Você se lembra, chegou a conhecer o Natalino Rodrigues?

Julia: Não

Rodrigo: E onde você levava esses mantimentos? Na casa das pessoas?

Julia: Na casa das pessoas

Rodrigo: Não era na prisão?

Julia: Não, não, não

Rodrigo: Ajudava as famílias?

Julia: As famílias que tinham os maridos presos.

Rodrigo: E ajudaram também depois a própria família do Herculano?

Julia: É, a família do Herculano. A família do Herculano. Ele tinha uma cunhada, uma mocinha, irmã da mulher dele, que ela fazia o serviço do Socorro Vermelho Internacional

Rodrigo: Você chegou a conhecer a família Roitman aqui em Santos?

Julia: Por meio do meu irmão. Eu cheguei a ver a família, mas era muito amiga do Victor , a família Roitman.

Rodrigo: Era muito amiga do Victor?

Julia: Eram.

Rodrigo: Porque a esposa do Adolfo Roitman, se chamava Rosa Brickman. E o Victor usava outros nome?

Julia: Usava

Rodrigo: Ele usava Carlos Brickman?

Julia: É, usou Matos, usou uns que eu agora nem lembro

Rodrigo: Como foi a sua prisão?

Julia: A minha *prison* foi uma surpresa. A polícia apareceu um dia em casa e diz que o Victor tinha mandado uma carta pra mim que a censura pegou, timbrada com o emblema do Partido Comunista de Astúrias e já veio do Rio de Janeiro censurada, e que: sendo brasileira detida e sendo estrangeira expulsão. Quer dizer que a expulsão já estava determinada. Essa carta, o Victor disse que jamais... nunca, nunca ele me escreveu. E ele nunca ia mandar uma carta timbrada com papel do Partido Comunista

Rodrigo: E ele disse isso pra você quando?

Julia: Quando nós nos encontramos na Espanha

Rodrigo: E quando você foi expulsa, você foi pra Marselha, não é isso? E depois?

Julia: Depois para a Espanha, pra Valencia. Nós nos encontramos uma única vez durante a guerra e depois não nos encontramos mais. Só nos *escribíamos*

Rodrigo: Quando a polícia entrou na sua casa, apreenderam alguma coisa ou não?

Julia: Não. Quando o Víctor era preso, cada vez que ele ia preso, a polícia levou máquina de escrever, levava livro, levava tudo que tinha em casa.

Rodrigo: Vocês tinham livro na sua casa?

Julia: Ele

Julia: Quando ele sabia mais ou menos que ia ser preso, ele chegava em casa, ele fazia um montão de livros, *así* (gestos). Se a polícia vier pode levar tudo esse, mas não mexam no resto.

Ismara: E moravam juntos a senhora, ele e os pais?

Julia: E os pais. Então, a polícia vinha, levou máquina de escrever, levava tudo

Rodrigo: E que livros que vocês tinham?

Julia: Ah, não posso dizer

Rodrigo: Mas eram em português, em espanhol?

Julia: Não, não, em português

Ismara: Vocês tinham livros em outras línguas?

Julia: Livros... Por exemplo: Víctor Hugo, Proust...

Rodrigo: Não eram livros do Partido Comunista?

Julia: Exclusivamente não

Rodrigo: Ah tá. Porque a informação constante nos autos policiais é que quando eles entraram na sua casa e prenderam vocês eles encontraram livros em russo. Vocês tinham algum livro em língua russa?

Julia: Não, nunca . É, isso é história do DEOPS

Ismara: E o Víctor Garcia, ele foi expulso quando?

Julia: Ele foi expulso no, acho que foi em 34

Ismara: E a polícia alegava quais os motivos da expulsão, além da participação em sindicatos?

Julia: Ele tinha outros motivos. Na ocasião que ele foi ferido, e que o Herculano foi morto e ele ferido, ele saiu do hospital para a Ilha dos Porcos, hoje é a Ilha Anchieta, mudou de nome, né? Ele foi, saiu do hospital pra ilha. Daí ele fugiu numa jangada para São Sebastião. Ele fugiu com dois marginais. Os dois marginais não sei se foram presos outra vez, mas ele não. Agora, estava na ocasião, estava em São Sebastião, o destroyer Bahia, que estava o Getúlio, estava fazendo uma reunião no destroyer Bahia. Então a polícia procurou ele bastante em São Sebastião, mas ele estava dentro do destroyer Bahia. Ele teve dois ou três dias no destroyer Bahia, em São Sebastião ele esteve dentro do destroyer Bahia. Quando o destroyer Bahia saiu, ele tinha, naquele tempo tinha uma lancha de passageiros, São Sebastião-Santos. Então ele veio substituindo um dos marinheiros, com roupa de marinheiro, substituindo um marinheiro da lancha. Tudo isso prepararam pra ele lá no destroyer Bahia. Desembarcou em Santos, de Santos foi para o Rio de Janeiro. Ele só teve uma noite em casa, já saiu no dia seguinte para o Rio de Janeiro. Quando ele esteve no Rio de Janeiro trabalhou numa tipografia, ficou escondido cinco dias. Muitas coisas eu não sabia por ele, não dizia...não devia, logicamente. Aí, um primo nosso com quem ele trabalhava de guarda-livros num escritório de contabilidade foi, fazia pouco que tinha inaugurado o Cristo Redentor, e ele trocou de carro e quis estrear o carro e fez a viagem para ver o Cristo Redentor e ele tinha o endereço do Víctor e foi visitá-lo. O Víctor aproveitou a carona e veio para São Paulo com ele. Quando o Arthur chegou em Santos, o Víctor já estava preso em São Paulo, porque eles foram numa reunião e eu nem sei quem era, mas o dono da casa estava sendo vigiado

Aníbal: Noel Gertel?

Julia: É, então, prenderam todos. E o Víctor dali não saiu mais. Dali foi expulso.

Rodrigo: Você disse que o Getúlio estava no navio? Como era o nome do navio?

Julia: Era o destroyer Bahia

Rodrigo: E o Víctor Garcia estava no...?

Julia: Estava escondido no destroyer Bahia

Rodrigo: Então o Getúlio Vargas e o Victor Garcia estavam os dois no destroyer Bahia?

Julia: É, mais que completamente. O Víctor sabia que o Getúlio estava lá, mas o Getúlio não sabia

Ismara: Eu tive contato com um livro onde existia a biografia de alguns espanhóis que lutaram contra o franquismo e onde consta o nome de Víctor Garcia como um combatente que morreu na Galícia. Seria o seu irmão?

Julia: Ele morreu na Galícia

Ismara: Ele morreu na Galícia? Então é o nome dele mesmo.

Julia: Ele não era galego. Ele morava na Galícia e morreu na Galícia

Ismara: Lutando?

Julia: Morreu assassinado. Não consta como assassinato, consta como um acidente

Ismara: Mas assassinado por questões políticas?

Julia: É, ou seja, um elemento da Guarda Civil Espanhola que infiltrou no Partido. E infiltrou precisamente destinado para pegar o Víctor. E conseguiu chegar até ele e conseguiu até a confiança do Víctor e foi ele que o matou.

Ismara: E ele tinha então um forte envolvimento com o Partido Comunista Espanhol?

Julia: O Víctor tinha. O Victor foi daqui, foi para Astúrias. A poucos meses depois de ele chegar, estourou uma Revolução nas Astúrias e ele se envolveu bastante. Foi preso, foi condenado a morte.

Ismara: Condenado a morte?

Julia: Sim. Aí, ou seja, não é a Revolução Espanhola. É Astúrias

Ismara: Ah sim, é o que chamam o período Biênio Negro?

Julia: É, então, era tempo de eleições. Votaram nele pra Deputado, e saiu da cadeia não podia , não podia ser executado. Foi eleito. Ou seja, mas isso não chegou a exercer nada, nem deputado nem nada, estalou a Revolução. Aí ele se envolveu ao máximo.

Aníbal: Ele fez escola militar lá Julia?

Julia: Ele, ele não. Ele não teve tempo de fazer Escola Militar e ele não fez nem o serviço militar. Ele estava aqui. Aí ele se enganchou na Revolução e ele foi virar Comissário das Brigadas *Internacionales*. Comissário político das Brigadas *Internacionales*.

Ismara: Isso no início da Guerra Civil? Durante a Guerra Civil?

Julia: Durante a Guerra Civil. Então, ou seja, o meu irmão que morava em Oviedo, que nunca se meteu em política, ou seja, estava na zona franquista. Ele foi preso, foi judiado a beça porque queriam que ele declarasse onde estava meu irmão, e ele não podia mesmo fazer porque ele não sabia. Mas o Víctor conseguiu entrar, quando ele foi solto, conseguiu entrar e o raptar para a zona republicana. Mas ele estava doente, estava, foi muito mal tratado na cadeia e tal e estava doente. Então, ou seja, isto muito tratamento e toda essa coisa e o Víctor também tinha uma vida ativa.... Com o fim da Revolução, porque a Revolução durou três anos, né, o Manuel foi feito prisioneiro, o meu irmão que estava na Espanha e que sempre esteve, foi feito prisioneiro e chegou a ser enterrado vivo. Ele e mais dois, foi salvo pelos *makis*.

Ismara: Como?

Julia: Pelos *Maki*. *Makis* é os da resistência. Ou seja, a parte da República tinha os *makis*, o pessoal da resistência, que libertavam presos, libertaram esse irmão, libertaram , o único que libertaram vivo foi meu irmão. Os outros já estavam mortos quando desenterraram. E eu e meu irmão não chegamos a nos ver, esse que estava...

Rodrigo: E ele não tinha militância nenhuma?

Julia: Não

Rodrigo: Ele foi preso por causa do Víctor?

Julia: Como eu (*Risos*) Ele foi a consequência, pois é. Ou seja, mas com o Víctor sim. Então, eu já nessa época, quando eu cheguei na Espanha eu procurei o Víctor e foi muito difícil, porque em tempo de guerra, a pessoa hoje está, por exemplo, em Minas e amanhã está, está em, no Paraná. Não é fácil, e... mas como era a guerra da Espanha, que era *bombardeo*... acabavam com uma cidade por dia. Então eu demorei em encontrar o Víctor. Quando eu encontrei o Víctor, ou seja, o Víctor já sabia por um aviador brasileiro, porque ele era, já falei, Comissário Político das Brigadas Internacionais, e tinha uns vinte e cinco aviadores brasileiros nas Brigadas Internacionais.

Ismara: Ah, sim, os voluntários brasileiros

Julia: Um deles sabia que uma irmã dele tinha sido expulsa e tal e contou pra ele. Então ele começou a me procurar, ao mesmo tempo. E no mesmo dia que ele soube de mim eu soube dele. As informações... Você vê como é a guerra: que; eu ia comer num restaurante porque lá todo mundo tinha cartilha, e pra comer em restaurante quem não tinha cartilha, como eu por exemplo é, tinha que ter uma licença pra comer num restaurante, uma autorização para comer no restaurante. Só quem, quem tinha cartilha podia ir comer no restaurante também, não estava permitido, porque existe o racionamento. Ele e eu, em horários diferentes nós comíamos no mesmo restaurante e não nos encontramos.

Ismara: Não sabiam?

Julia: Não, nem nos encontramos

Ismara: E, esse aviador, a senhora lembra o nome?

Julia: Não.

Ismara: O Victor tinha contato com esse aviador brasileiro?

Julia: Ele tinha contato

Ismara: E esse aviador é que disse pra eleda sua expulsão ?

Julia: É, então ele começou a me procurar na Espanha

Rodrigo: E toda essa história que você contou agora, do seu irmão Manuel, que o Víctor foi lá, dele ter sido enterrado vivo, tudo isso você ficou sabendo quando você chegou lá, ou vocês trocavam cartas?

Julia: Eu, tudo isso, fiquei sabendo quando eu cheguei lá

Rodrigo: Certo. O período que ele ficou lá e você estava aqui, ainda não tinha sido expulsa, vocês não mantiveram contato?

Julia: Não

Ismara: A senhora não mantinha correspondência com ele, depois que ele foi expulso?

Julia: Teve sim. Tinha. Normal. Mas depois que ele, que eu fui presa ele já não escreveu mais.

Ismara: Ah, tá! Então, desde que ele foi expulso em 34 até.....

Julia: Escrevia sempre

Ismara: Ah, escrevia sempre pra senhora

Julia: Mas foi pouco tempo..Ele escrevia normal

Ismara: E os motivos que a polícia alegava da senhora ser investigada? Seria unicamente essa carta?

Julia: Unicamente essa carta

Rodrigo: Você disse que a polícia censurou a carta?

Julia: Censurou a carta

Rodrigo: Mas você já tinha recebido outras cartas dele?

Julia: Outras, todo mundo tinha recebido. Meus pais, eu ...

Rodrigo: E ele dizia alguma coisa da situação política lá?

Julia: Não, não, nunca. Imagina e nem podia

Rodrigo: Era só coisa familiar?

INTERRUPÇÃO/BARULHO NA RUA

Julia: Ele passou pra França, mas ele da França, assim que pode ele voltou pra Espanha, pra lutar pelo Partido. Chegou um momento que ele estava muito perseguido e tal, passou para Portugal. Assim que pode, voltou de Portugal e entrou em Galícia que é fronteira com Portugal.

Ismara: E lá que ele foi morto em 46?

Rodrigo: Em 46, é isso?

Julia: É

Ismara: Ah, tá! A senhora foi expulsa em 1937, mas a polícia apreendeu essa carta em 36. E nesse período, a senhora chegou a ficar presa?

Julia: Treze meses

Ismara: Treze meses? Direto?

Julia: Direto

Ismara: Em São Paulo?

Julia: Em São Paulo. E daqui para São Paulo eu fiquei presa, tinha mais duas presas. Fiquei presa treze meses esperando a expulsão.

Rodrigo: Quem eram essas pessoas que estavam com você? Eram daqui de Santos também?

Julia: Não, uma chamava Biruta, era um nome que ela usava. Era uma mocinha lituana

Julia: É, que ela morava na casa do Doutor...

Rodrigo: Gilberto de Andrade?

Julia: Gilberto de Andrade. O nome dela era Angelina, acho que era Angelina, mas o nome que ela usava era Biruta.

Rodrigo: Ela morava na casa do Gilberto de Andrade

Julia: Do Dr. Gilberto de Andrade

Rodrigo: Mas ela era casada com ele?

Julia: Não, não, não. Ela morava como filha protegida. Tinha família. Ela, eu não sei bem a história dela. Ela, a família que era criada, saíram do país, mas por uma razão qualquer, não sei se política ou não política, que eu não lembro, e ele era advogado .

Rodrigo: E o Gilberto era do Partido, né?

Julia: O Gilberto. Era da Aliança Nacional Libertadora. E ele levou essa menina para casa porque não tinha onde deixá-la e criava junto com os filhos dele. *No*, ele, a mulher tal, era criada em casa deles

Rodrigo: E você ficou presa com a Biruta e quem era a outra pessoa? Você lembra?

Julia: Um casal que eram russos e estavam esperando expulsão

Rodrigo: Também aqui em Santos?

Julia: Não, eles vieram do Espírito Santo, Vitória. Estavam em São Paulo esperando expulsão. Ele estava para a ala dos homens e ela estava na das mulheres. Eu fui embora e eles ainda ficaram, eram Roitman

Rodrigo: Eram Roitman?

Julia: Lilba Roitman e Nult Roitman

Rodrigo: Mas não tem nada a ver com a família aqui de Santos?

Julia: Não, não

Ismara: E nesse tempo você teve ajuda do Consulado, houve ajuda aqui de espanhóis?

Julia: Não. Antigamente o Consulado era franquista. Eram franquista.

Ismara: O nome do Cônsul, a senhora lembra?

Julia: Precisamente, até a polícia de São Paulo, o diretor lá da cadeia, ele achava que não tinha porque eu estar lá e duas vezes ele me mandou pra Santos pra eu me encontrar com o Cônsul, pra ver se o Cônsul anulava a história da expulsão. Mas o Cônsul nunca me recebeu

Ismara: A senhora lembra o nome do Cônsul?

Julia: É Nicolau, é Nicolau

Ismara: E a comunidade, os imigrantes espanhóis, a senhora tinha contato com eles? Eles ajudaram de alguma forma, tentaram ajudar ou não?

Julia: Não, não ajudaram, assim economicamente, que também não precisava

Ismara: Mas ajudaram de outras formas pra tentar sua libertação?..

Julia: *No*, não foi fácil, olha eu tive advogados, mas nós estava em Estado de Sítio

Ismara: A lei não resolvia.. Sabemos da história de alguns espanhóis que foram expulsos em 36 e que foram pra Vigo e chegaram a ser fuzilados lá. A senhora sabe alguma coisa sobre isso?

Julia: É

Ismara: E também constam nos prontuários policiais que em 37 existia um Cônsul aqui em Santos que era Republicano, o Andres Rodrigues

Julia: Navarro

Ismara: Andrés Rodrigues Barbeito, a senhora não se lembra?

Julia: (*Gesto de negação*) Parece que era Navarro o que assinou meu passaporte

Ismara: Ah sim. Temos a informação de que existia um Cônsul republicano aqui em Santos chamado Andres Rodrigues Barbeito e que ele que teria pago a diferença das passagens para que os expulsos de 37 não fossem para Vigo e sim pra Marselha

Julia: Eu sei que foi pago. Não sei quem, mas foi pago. Foi pago uma diferença, mas eu não sei....

Ismara: Se dependesse aqui do governo brasileiro, iria pra Vigo?

Julia: Iria pra Vigo, mais precisamente eu tive todo esse tempo porque os advogados não deixavam ir pra Vigo, (*tosse*)o governo legítimo da Espanha, era o que é atual Valencia, era o da República, o outro eram os rebeldes.

Ismara: Os franquistas?

Julia: Os franquistas. Então eu não podia ser obrigada a ir para a zona rebelde, então foi o única coisa que os advogados puderam fazer

Ismara: Foi evitar que a senhora fosse pra Vigo?

Julia: Fosse

Ismara: Em 36 alguns espanhóis expulsos chegaram a ir pra Vigo e foram fuzilados.

Julia: É, é eu soube disso

Ismara: Não sei se a senhora chegou a ter contato com um professor mandado aqui pra São Paulo, que era do Ministério da Instrução Pública. Ele veio pra fazer propaganda e pedir auxílio aos republicanos. Ele se chamava Domingos Rex Muñoz. A senhora se lembra?

Julia: Não porque não foi do meu tempo

Ismara: Talvez ele tenha chegado quando a senhora...

Julia: Quando já tinha.....INTERRUPÇÃO DA FITA

Ismara: E a experiência da senhora na Guerra, na Guerra Civil Espanhola? A senhora chegou a ir próximo as regiões de combate?

Julia: Quase todo mundo. Você convivia com a guerra diretamente

Ismara: Mesmo não estando na frente de combate...

Julia: Mesmo não estando, você convivia porque foram tomando cidades, cidades, durou três anos , ou seja, a República foi recuando porque tinha o seguinte. Ah., existia a lei de não agressão. Quer dizer, a França ajudava., os sindicatos franceses ajudavam muito a parte republicana. Todo operário deixava um dia de salário mensal para a Revolução. Estados Unidos, os artistas principalmente ajudavam muito a parte da República. Mas a parte fascista, como nós chamávamos a parte de Franco, era ajudada diretamente por Alemanha e a Itália: com armamentos, soldados, ou seja, aviões, tanques. É era assim, era exército mesmo maciçamente . Então, a República foi cedendo, cedendo, cedendo, cedendo até que em três anos acabou.

Rodrigo: Você teve que se mudar alguma vez de cidade, por causa da guerra, podia ou não?

Julia: Eu não podia, a cidade estava quase deserta. Só ficava quem trabalhava pra guerra. Porque tinha o seguinte: o temperamento de cada um. Teve pessoas que correram a Espanha inteira fugindo do que não podiam fugir porque tanto tinha frente lá, como lá, como aqui. A aviação era todo dia. Olha, e teve dia, o dia que morreu uma porção de espanhóis, dos que foram comigo, num bombardeio. Ou seja, morreram, jogaram 75 bombas, morreram 120 pessoas nessa cidade (..Sagun...) e entre eles fazia 20 ou 22 “brasileiros” que tinham sido expulso morreram aí, no bombardeio. E nós os que *quedaron* , o seu Bernardino, o Higino, uns cinco

Rodrigo: O Higino

Ismara: O Higinio Alonso?

Julia: Alonso

Rodrigo: E o Bernardino Sena?

Julia: Não.

Rodrigo: O Neri

Julia: Nem sei qual era o sobrenome

Ismara: No navio foram muitos expulsos com a senhora?

Julia: 28

Ismara: Lá a senhora manteve contato com eles?

Julia: No começo sim, mas depois, aí morreram nesse bombardeio na cidade, eles trabalhavam nuns armazéns, perto da estação rodoviária

Ismara: Próximo à Valência?

Julia: É, em Valencia. Ou seja, foi mais ou menos no Natal, nós chegamos lá em agosto. Em dezembro foi que eles morreram no mesmo ano.

Ismara: Num bombardeio?

Julia: Num bombardeio morreram uns seis ou sete, no mesmo bombardeio.

Rodrigo: Morreu o Higinio Alonso?

Julia: Não, o Alonso não. E eu tinha que reconhecer o corpo. Então, o Higinio Alonso, eu, os que ficamos, compramos até a sepultura perpétua para eles, se um dia a família procurasse. No dia seguinte, teve um bombardeio tão grande que no cemitério não ficou nada. Olha, ficou uma escavação (*gestos*) acabou a sepultura perpétua (*risos*) e tudo o que você quiser porque ficou um barranco só. Mas eu vi bombardeio, em Valencia, em porto de Mar. Então a marinha ao mesmo tempo que a aviação, mas bombardeio de caírem cinco aviões num mesmo bombardeio. A guerra da Espanha foi uma guerra exatamente igual a guerra, a 2ª Guerra. A Alemanha experimentou toda quanto foi...

Ismara: Ensaíram...

Julia: Ensaíram a guerra, experimentaram todo quanto foi armamento. Foi uma guerra pra valer. Não se tratou de uma revolução.

Rodrigo: Quando você veio aqui pro Brasil, você falava espanhol? Tinha onze anos não é isso?

Julia: Sim

Rodrigo: Vocês em casa falavam espanhol?

Julia: Português

Rodrigo: Português. As próprias cartas que o Víctor escrevia pra você, escrevia em espanhol ou escrevia em português?

Julia: Português

Rodrigo: Em português

Ismara: Em português sempre. Todas as cartas em português?

Julia: É, toda elas, que o Víctor nunca tinha a intenção de ir pra Espanha e eu muito menos. Ou seja, assumimos o Brasil como (...), e os dois fomos

Rodrigo: Então a adaptação aqui foi boa?

Julia: Total

Ismara: A senhora chegou a frequentar escolas, o círculo de amizades era com brasileiros?

Julia: Um círculo de amizades que eu nunca esqueci. Ou seja, eu voltei por saudades. Ou seja, mas depois, quando eu voltei, não achei o lugar que eu deixei. Porque todo mundo mudou, a cidade mudou, as pessoas morreram, cresceram, quer dizer, o Santos que eu guardei não existia mais.

Rodrigo: O que mudou então?

Julia: Tudo. Tudo. Ou seja, em vinte anos muda tudo

Ismara: E a senhora tinha amigas imigrantes? Antes da senhora ser expulsa, as suas amizades eram mais com brasileiros ou com espanhóis?

Julia: Sempre brasileiros, aqui muitos filhos de espanhóis. Porque Santos era assim, ou era filho de espanhol ou era filho de português. Naquele tempo, tinha japoneses que moravam assim nas chácaras que se isolavam. Tinha o Marapé, quase todo mundo português, Campo Grande eram quase todos descendentes de espanhóis e italianos. Quer dizer, no meu tempo, toda a juventude era descendente de estrangeiro. Em Santos, brasileiro legítimo eram contados.

Ismara: E a senhora chegou a participar de alguma sociedade? Porque aqui tinha o Centro Espanhol que hoje é o Centro Español y Repatriación.

Julia: Íamos muito no Centro Español nas festa e tudo

Ismara: E a senhora chegou a ir no Centro Español que é aqui na Avenida Ana Costa?

Julia: É, agora. Naquele tempo era perto do cais.

Ismara: E o Centro Republicano Espanhol, a senhora chegou a frequentar?

Julia: Não

Rodrigo e Ismara: Mas conhecia?

Julia: Não, só o Centro Español

Ismara: Ah, é porque esse Centro Republicano em Santos foi fundado acho que em 1937, no período que a senhora estava presa. E de São Paulo, o Centro Republicano Espanhol de São Paulo?

Julia: Não, não

Ismara: Mas a senhora ouvia falar, tinha alguma referência?

Julia: Não, não, não, que eu lembre não. Lembro só do Centro Republicano Português, que nós íamos dançar lá, as domingueiras

Rodrigo: E esse Centro Espanhol que era perto do cais, ele não existe mais?

Julia: Eu mesmo não o conheci

Rodrigo: Não, não, estou falando do edifício.

Julia: Ah, não, o edifício não. Precisamente construíram outro e anularam aquele

Ismara: E quando a senhora estava na prisão, a senhora tinha notícias sobre a Guerra Civil? Tinha informações?

Julia: Pelo jornal

Ismara: Pelos jornais?

Julia: É

Rodrigo: Você lia jornal na prisão?

Ismara: Era possível?

Julia: Tinha, a Tribuna. Ah, tinha, tinha

Ismara: Geralmente a senhora lia a Tribuna? Mandavam pra senhora de Santos?

Julia: É, isso, mandavam.

Rodrigo: A sua família mandava?

Julia: Não, não. Pagava na *Carceragem*. Gente que pegava todo dia o jornal

Rodrigo: E você foi bem tratada na carceragem?

Julia: Era

Rodrigo: E o Víctor, ele teve algum problema na carceragem?

Julia: *No*, o Victor, Victor, tiraram as unhas dos pés, tiraram as unhas das mãos, queimaram o pé em baixo. É, com ferro quente. Quando eu fui presa aqui em Santos, antes de levar pra São Paulo.

Rodrigo: Você ficou presa aqui em Santos, onde que era ?

Julia: Na cadeia pública, na Praça dos Andradas, no xadrez número três. É, ou seja, só tinha eu. O resto era tudo as mulheres da vida que pegavam toda noite, andava sempre cheio, mas era vadiagem né. Mas, bem, quando era de madrugada, tinha o Canuto, já não lembro o nome de quantos presos daqui de Santos. Ou seja, eles, duas horas da manhã, assim, tiravam, os tiravam da cela, porque eles estariam com água molhando até o joelho, me tiravam do xadrez, estava a mesa do delegado, o delegado abria uma gaveta com um revólver. Aqui sentava o delegado, aqui punham a mim e dois policiais ficavam lá (*gestos de Julia*). Aí iam trazendo os presos. (*Delegado*) É Julia você conhece esse rapaz? (*Júlia*) Eu não, nunca vi. Tinha uns que eu conhecia, sem dúvida. (*Delegado*) Mas você é boazinha, não preciso fazer nada, mas agora você vai assistir, ele não é tão bonzinho e vai ter que (*tosse*). Então tinha a palmatória, que era como uma, um, uma mão assim (*gestos*). Ou seja, de borracha desta grossura e que tem uns buracos e tinha a parte de pegar. Era como uma ventarola, vamos por assim. Então, eles interrogavam , aí em cima a palmatória dizia os dez mandamentos, estava escrito. Eles batiam na mão, aqueles buracos chupavam a carne, a palma da mão, por aqueles buracos chupavam, deixavam as mãos desse tamanho (*gestos*). (*Delegado*) Então você vai ver, você vai ver como essa gente...Como você está aí presa e não tem como se divertir, não pode ir no cinema, nós vamos oferecer todo dia um showzinho . Então eu via isto, surravam e quando já perdiam o conhecimento, de tanto apanhar os arrastavam, levavam pra cela e traziam outro.

Rodrigo: Mas você ficou quanto tempo presa aqui em Santos?

Julia: Na ocasião, mais ou menos uma semana, depois aí fui para São Paulo

Rodrigo: E durante essa uma semana, todo dia eles levavam pessoas pra você ficar vendo bater ?

Julia: Umas duas horas da manhã. Lembro que tinha um até que era espanhol chamado Canuto. Usava o cabelo muito fresco, muito grande e o delegado era o Jordão, era careca

Rodrigo: Ernesto Jordão

Julia: É?

Rodrigo: Acho que é

Julia: É ele, tinha depois o Cruz. O Cruz era mais jovem mas não era o titular, o titular era o Jordão. Então ele dizia, Julia olha que judiação, ele com tanto cabelo e eu careca. Pegava ele pelo cabelo, arrastavam pra cá, pra lá, judiavam a beça. Uns vinham todos molhados, voltavam arrastados lá pra cama

Ismara: E desses espanhóis que foram expulsos com a senhora, muitos eram de Santos, moravam em Santos, ou não?

Julia: Dois que eu saiba, três com a Biruta, não mas a Biruta não foi comigo, ela ainda ficou presa

Rodrigo: Francisco Canuto?

Julia: O Canuto não foi comigo. Não, ele foi preso, na ocasião que eu estava ele estava preso, foi um dos que estavam sendo maltratados na carceragem

Rodrigo: Quem mais? Você lembra de mais alguém

Julia: Sobrenomes não

Aníbal(*Sr. Aníbal, dono da casa onde foi realizada a entrevista com Julia inicia a leitura de um jornal que publicou o nome dos expulsos*): Aqui tem, Antonio Medina, Bernardino Martins

Julia: Esses foram expulsos

Aníbal: Julia Garcia y Garcia, Francisco Canuto Lopes, Manoel Gonzalez, Pedro Higuera Rodriguez,

Julia: Soler, o Soler não era comunista, era anarquista

Aníbal: O Avelino Fernandez , francês, José Maria Clemente Ibernon

Julia: Ibernon morreu no bombardeio

Aníbal: José Moreno Sanchez

Julia: Morreu no bombardeio

Aníbal: Manoel Gonçalves, Miguel Herrera, Eugênio Alonso, Antonio Marques Rodriguez, José Martinez, Rodrigo Valdez, Francisco Calmaresta, Antonio Garcia Rodriguez, José Iglesias y Iglesias

Julia: Morreu no bombardeio

Aníbal: Higinio Alonso

Julia: Não morreu

Aníbal: Ida Chazan, lituana, João Lopes Soares, espanhol, Manoel Marques Herrera, Diogo Herrera, Diogo Perez y Perez, Ginez Perez, Gusmão Soler

Julia: Soler era anarquista e foi para Barcelona.

Rodrigo: Quem mais você disse que era anarquista no meio desses?

Julia: Só esse

Rodrigo: Só o Gusmão Soler. E ele foi para Barcelona, é isso?

Julia: É ele foi para Barcelona, ele tinha toda a família lá

Aníbal: De Santos foi o Higinio Alonso, a Julia, Francisco Canuto Lopez, Bernardino Martins, Pedro Higuera Rodriguez e Gusmão Soler que era anarquista

Julia: É, Gusmão Soler eu conhecia, mas não sabia que ele era anarquista

Rodrigo: Mas ele não morava aqui em Santos, morava?

Julia: Morava, morava na Bernardino de Campos

Ismara: A senhora voltou em 57 porque já tinha vencido o prazo de 20 anos?

Julia: É, porque já tinha vencido o prazo

Ismara: É, foi um momento que muitos espanhóis vieram para o Brasil. A senhora veio de navio?

Julia: Vim, no Yapeyu, um navio argentino

Ismara: A senhora se lembra do dia, do mês?

Julia: Sim, ou seja, num dia de maio de 57, não lembro bem o dia

Rodrigo: Você disse que prenderam o Víctor Garcia e que ele também foi torturado, que arrancaram as unhas. Isso aqui em Santos?

Julia: Aqui em Santos

Rodrigo: Na Casa de Detenção?

Julia: Não, em São Paulo, porque ele chegou em Santos ele não andava. Ele veio para Santos, veio só para embarcar.

INTERRUPÇÃO DA FITA

Rodrigo: E o da Cruz que você disse era Mario da Cruz?

Julia: Era delegado, era Mario da Cruz, era delegado. Era boa gente. Ele fez questão até de querer me por em liberdade e tal, mas o Consulado não deixava.

Ismara: O próprio Consulado apoiou a polícia?

Julia: O próprio Consulado era franquista, era fascista

Ismara: Eu acho que quando a senhora esteve presa, quando teve as eleições na Espanha em 36 que os de esquerda ganharam novamente, foram maioria, daí o Consulado mudou novamente.

Julia: Ou seja, o Nicolau, se eternizou no Consulado aqui em Santos

Ismara: Ele era Cônsul há muito tempo

Julia: Era, há muitos anos

Ismara: Então não houve troca?

Julia: Nem era, ele só foi trocado quando veio o da República

Ismara: Então quando era monarquia, mesmo depois de 31 que passou para a República ele continuou?

Julia: Ele continuou. Nem era Cônsul de carreira. Era, como dizia na Espanha, desertores do Arado. Sabe o que era desertor do Arado? Da terra, quando do arado passaram, ou seja, eram precisamente pessoas protegidas pela direita fascista e tal

Ismara: Ah, e ganhavam o cargo?

Julia: Ganhavam o cargo, não podiam ser nomeados, estavam nomeados eternamente

Ismara: E a senhora se lembra do José Maria Sempere, Cônsul em São Paulo que foi acusado pelos republicanos de ser a favor do franquismo e de delatar pra polícia espanhóis....

Julia: Deve ser mas eu não lembro. Eu fui vítima do Nicolau

Ismara: O Consulado teria por missão, por obrigação auxiliar!

Julia: É, precisamente, ele era a favor dos revolucionários. Quando eu vim, esse Nicolau era muito amigo do (.....) e ele soube que eu vinha

Ismara: Ele ainda estava no Brasil quando a senhora voltou?

Julia: Quando eu voltei, mas não de Cônsul

Ismara: Mas ele tinha algum cargo político?

Julia: Não, acho que ele era até aposentado e ele falou pra esses meus amigos e disse pois é, a Julia voltou porque eu não era Cônsul se não jamais voltaria

Ismara: Mas essa antipatia era simplesmente por causa do irmão da senhora ?

Julia: Porque mandava correspondência

Ismara: Mas a senhora nunca chegou a ter contato?

Julia: Não. E ele não era, não era... tanto que quando eu vim eu me informei na Espanha se eu podia ter alguma complicação aqui, uma vez que (*he tido* isso) e o chefe geral da Ordem Política e Social em Madri me falou que não, não vai ter porque se ainda tiver o Nicolau que era o que tinha assinado, ele para se meter com a senhora terá que contar comigo e disse, nós estamos acabando com todos esses desertores do Arado. Nem nomeado ele era, era um puxa saco mesmo que ganhou lugar por puxar o saco

Rodrigo: E quando você voltou aqui pro Brasil, você não teve mais nenhuma participação política? Então na verdade você teve alguma ligação com o Socorro Vermelho Internacional, teve militância porque o seu irmão era um grande militante, mas aí quando você voltou pro Brasil, isso não...

Julia: Não. Quando eu fui eu tinha, fiz serviço pro Socorro, mas não pertencendo ao Socorro

Rodrigo: E o serviço era arrecadar mantimentos e dinheiro para as famílias das...

Julia: Era entregar, não arrecadavam, nos *davam* para entregar

Rodrigo: E o Victor Garcia, nessas prisões dele, alguma vez ele foi perseguido, a casa de vocês era vigiada, tinha alguma coisa assim, ou as vezes que ele foi preso, foi preso essa vez no comício, ou por delação, alguma vez ele foi delatado?

Julia: É eu acho que tinha de tudo. Ou seja, desde que ele começou no Partido a paz na casa acabou. Ele que não ligava

Rodrigo: Ele não ligava?

Julia: Ele não esquentava. Tinha que ser preso, era, mas saía como o mesmo entusiasmo.

INTERRUPÇÃO DA FITA

Julia: Ele por exemplo, não é uma pessoa que ele não teve oportunidade de sair do Partido. Acabou a guerra da Espanha ele foi pra França, assim que ele pode ele voltou pra Espanha para trabalhar no Partido clandestinamente. Chegou um momento que apertou muito a coisa pra ele, passou pra Portugal, no momento que melhorou a situação, voltou de Portugal, aí entrou por Galícia outra vez pra trabalhar clandestinamente foi quando foi morto.

INTERRUPÇÃO DA FITA

Ismara: E o jornalista espanhol Paschoal Nunes Arca, a senhora se lembra?

Julia: Não

Ismara: E jornais da comunidade, a senhora lia jornais espanhóis antes de ser expulsa, jornais da própria comunidade escrito em espanhol?

Julia: Não, não, não

Rodrigo: E o que fazia o Centro Espanhol? Eram festas?

Julia: É, comemorações de datas importantes, festas, bailinhos, coisas assim, não politicamente não, era recreativo. Fazia parte todo mundo, fosse da crença que fosse e tal, não era partidário. O Republicano que vocês falam eu não conheci

Ismara: Porque ele foi inaugurado depois da guerra, quando começou a guerra a senhora já estava presa não é?

Julia: É

INTERRUPÇÃO DA FITA

Ismara: A senhora era costureira?

Julia: Costurava, até faz pouco tempo

Rodrigo: Me diz uma coisa, a senhora disse que da família só o Victor é que militava, mas a gente encontrou um livro de um anarquista que cita um tio do Victor Garcia que morava aqui em Santos na década de 10 ou de 20 que era anarquista e que teria sido expulso, você não conhece?

Julia: Não, não sei...não teve... quem é

Ismara: O sobrenome da senhora é Garcia y Garcia?

Julia: É

Ismara: Nesse livro onde existem referências ao Victor, que ele lutou na Galícia tudo mais, consta que ele chamava Victor Garcia Estanillo. Mas acho que devem ter errado...

Rodrigo: Qual era o nome inteiro do Victor Garcia?

Julia: Victor Garcia y Garcia

Rodrigo: Então eles erraram

Ismara: Erraram porque as outras referências são dele mesmo

INTERRUPÇÃO DA FITA

(JULIA FALA DO PERÍODO QUE ESTEVE NA ESPANHA E DO FRANQUISMO PÓS GUERRA C. E.)

Julia:(.....) então acabava o cinema, você tinha que ficar de pé assim (*gestos*) até acabar o hino de Falange (*canta um pequeno trecho*). Então muita gente, quando ia acabar o filme saiam. Resolveram fechar as portas, ninguém podia sair

Ismara: Era obrigatória?

Julia: Era obrigatório. Tinha gente que levava uma criança e pegava no colo, pegavam a criança. Teatro, cinema, futebol, todos eram obrigados até que falavam Viva Espanha! Arriba! Aí abria as portas e o pessoal saía. Quando a Eva Duarte de Perón foi para a Espanha, foi muito homenageada pelo caudilho, então teve num cinema, naquele tempo tinha um jornal espanhol, ou seja, o filme que passava, antes do filme era um informativo espanhol e passava só a dona Eva Duarte Peron, era a época que ela estava lá, e uma senhora falou, estamos cheio da Eva. Ou seja, fecharam o cinema. Ninguém quis dizer quem é que falou que “estava cheio da Eva”. Ficaram a noite inteira até as cinco horas da manhã, a polícia e o cinema fechado com todo mundo dentro e falando “Excelentíssima dama dona Eva Duarte de Peron, Excelentíssima dama dona Eva Duarte de Peron”, até as cinco horas da manhã. Cinco horas da manhã abriram

Ismara: E a Falange, a senhora lembra de ter informações da Falange, da atuação da Falange aqui em Santos?

Julia: Não, a Falange Espanhola , ela atraía muito os jovens né, davam vantagens , tal, pra atrair a juventude mas era assim, olha, o Caudilho todo mundo achava no exterior que ele era queridíssimo. Ia ter um desfile, vamos supor Madrid, um desfile. Então tinha as falanges, partidos dos outros Estados. Ia passar o desfile, as pessoas das casas que eram de direita ficavam, as pessoas que o apartamento davam pra frente se provavam que eram de direita, fossem aprovado ficavam, se haviam algum que era de esquerda eram passadas pra parte de trás e eram colocadas nas janelas na parte da frente falangistas que vinham de outros Estados para aplaudir dos prédios, ou seja, ficavam cheios de falangistas de outros Estados que dias antes já vinham para aplaudir sua Excelência quando passava. Isso era o sistema como toda a Espanha adorava o Franco.

Ismara: Entendiam isso como uma manifestação espontânea mas na verdade era obrigação?

Julia: Espontânea, era.. Era um jeito de você ...mas eu vi, eu vi, ou seja, todo mundo nas janelas, todo mundo nos terraços, todo mundo aplaudindo, eram pagos/ FIM DA FITA